

IDENTIDADE E IDENTIDADE DE CLASSE: SUGESTÕES PARA PESQUISA

* DEIS SIQUEIRA

**EDSON DE SOUZA FILHO

Introdução

Situado na intersecção do psicológico e do social, o estudo de identidade tem sido referido por diferentes especialistas em ciências sociais. Segundo Zavalloni (1973), uma abordagem satisfatória para o estudo de identidade deveria conduzir à elaboração de uma síntese de conhecimentos e fenômenos psicológicos e sociológicos. Entretanto, historicamente, coube aos psicólogos e antropólogos as primeiras tentativas nesse sentido. Assim, psicólogos preocupados com o fenômeno da personalidade individual, rapidamente passaram de estudos de mecanismos como o de identificação, de âmbito mais restrito, para os de imitação e socialização, para dar conta da contribuição da cultura na formação da identidade; o que gerou estudos e hipóteses como o de "personalidade de base", entre outros. Mais recentemente, os psicólogos têm preferido restringir-se, com raras exceções, aos estudos do que se convencionou chamar de auto-conceito, renunciando a levar em consideração as dimensões mais propriamente sociais do fenômeno.

Os antropólogos, por sua vez, desde o início estiveram debruçados sobre culturas "exóticas" e "particulares", foram provavelmente os primeiros a preocupar-se, de maneira mais decisiva, com a problemática da identidade e, em consequência, da diferença no âmbito da cultura. Amiúde, em antropologia recorreu-se ao mecanismo do contraste, intelectual ou cultural, como alavanca para a produção de unidades culturais singulares e idênticas, mais ou menos permanentes historicamente. Pois, mesmo no que toca às sociedades pré-históricas, aparentemente isoladas e originais, descobriu-se um passado de interações culturais, geradoras tanto de estruturas profundas idênticas, quanto de diferenças incontrastáveis.

Entretanto, o fenômeno de identidade vai se complexificar numa sociedade em que há múltiplos grupos e estruturas econômico-sociais, e a tendência é de intensificação da diferença, via conflito e competição sociais. A implantação do regime de salário, assim como a domesticação, seguida de uniformização de grupos e indivíduos oriundos de culturas e identidades as mais díspares, não farão senão gerar o protesto destes últimos, reforçando diferenças e especificidades. Pois, trata-se de algo anterior se contrapondo ou interagindo com partes de uma sociedade relativamente recente, ainda que dominante. Contudo, se no plano objetivo essa sociedade engendra contradições, os grupos humanos, no plano subjetivo engendram paradoxos e conflitos, que atingem diferencialmente os sujeitos que se formaram no interior desses vários micro-mundos. Como eles resolvem ou contornam esses conflitos e paradoxos, ~~subjetivamente~~ ^{subjetivamente}, é um importante trabalho cujo resultado se observa na construção da identidade psicossocial de cada um.

Por mais poderosos os veículos que sustentem a ilusão de igualdade entre todos os membros do sistema, a história tem reiterado a permanência de diferenças. Isto porque o esforço de representação de identidades disponíveis socialmente, reproduz o mundo social e objetivo dado, mas, simultaneamente, o transforma segundo o prisma da cada sujeito social; o que pressupõe imagens, significados, valores e opiniões elaborados e estó-

* Prof. Adjunto. Mestrado C. Sociais

**Prof. Adjunto. Mestrado Psicologia Social.

cados, pacientemente, por gerações e gerações, e que não desaparecem tão facilmente. Trata-se, portanto, no caso de identidades psicossociais, de um esforço de auto-conhecimento que seleciona e hierarquiza elementos de informação e modelos sociais, oriundos das mais diversas fontes, para afirmar uma diferença num mundo social em movimento.

IDENTIDADE DE CLASSE

Podemos estudar identidade de classe principalmente à partir de dois aspectos: o da história de classe, enquanto sujeito, e, enquanto objeto, segundo os conhecimentos obtidos a respeito de classes sociais, no Brasil e no Nordeste. Por razões históricas conhecidas, contamos com mais estudos de "classe social" do que de história de classe, sobretudo quanto às classes "subalternas", muito menos documentada e compreendida. Apesar de óbvias lacunas de conhecimento a respeito de formação, no plano subjetivo, de consciência e identidade de classe, em termos de seus processos e propriedades mais gerais, tal como já foi estudado o movimento geral do capital, não se justifica que a sociologia prefira indefinidamente se dedicar ao que já é "dado", sequer levando em conta a importância do "fundo cultural" (Salaman).

De modo que, uma tarefa importante é estudar as estruturas subjetivas da sociedade tal como estas foram construídas pelos próprios sujeitos, procurando identificar aí o que chamamos identidade de classe. Do mesmo jeito, o estudo em questão requer a recuperação minuciosa do que vem a ser uma classe social numa certa totalidade histórico-social, no caso, no Nordeste do Brasil. Para além dos benefícios que obviamente se terá a partir do conhecimento dessas estruturas objetivas, precisamente agir com cuidado para não privilegiarmos uma identidade-de-classe-ideal, fruto do trabalho teórico de um grupo social, em relação àquela identidade-de-classe-real, que é gerada segundo teorias e referências produzidas pelos próprios implicados, o que remete ao estudo de representações sociais de estruturas objetivas de classe.

IDENTIDADE DE CLASSE NO NORDESTE

Partindo-se da região Nordeste como totalidade de estudos, poderíamos pensar que o processo de acumulação primitiva não se concluiu. Não se socializou o equivalente geral e tampouco a monetarização do trabalho, dos bens e da vida. A presença imponente da produção para auto-consumo e do setor informal, bem como a variedade de relações de trabalho e a convivência de diversas formas de dominação, o indicam.

A grandeza do setor informal indica, também, o não império do trabalho abstrato. Como diria F. de Oliveira (1986:93), "está-se em presença apenas de processos de troca, que certamente têm a moeda como meio de circulação, mas não a têm como **expressão de igualdade**, há trabalho no "informal", mas não trabalho abstrato.

Resta também lembrar que é recente a constituição das classes fundamentais do capitalismo no Nordeste e talvez pudéssemos pensar que não se dê ainda predominância da relação de trabalho assalariado na consciência social nesta região. Poderíamos hipotetizar inclusive que o contraste pobre-rico parece pre-dominar em relação ao contraste explorador-explorado ou burguesia e assalariado na consciência social. E como coloca F. de Oliveira (1986:95), "Resta à mão sempre uma classificação de "pobres", o que no sistema capitalista não chega a ser uma identidade suficiente, nem "em si" nem "para o outro"."

Em síntese, não visualizamos processos já constituídos de subsunção formal e real da força de trabalho ao capital. A permanência de específicos e heterogêneos parece merecer portanto o mesmo status teórico que o movimento de homogeneização e uniformização engendrado pelo capital. E é possível que o confronto entra a esfera dos específicos e aquela referida ao movimento uniformizador seja o viés que mais frutifique ao pesquisador que pretende compreender tanto as correspondências existentes entre relações de trabalho e relações de poder, quanto a formação das identidades de classe.

Poderíamos, afunilando a reflexão em direção à identidade de classe no Nordeste, retomar algumas questões fundamentais.

– Classes sociais, enquanto construção teórica (BOURDIEU 1984:03) não podem ser consideradas como um dado, um pressuposto. Isto porque “... a rigor elas são um **produto** das relações antagônicas e de seus movimentos de re-produção.” (OLIVEIRA: 1986:10).

O caráter fundamental de contraste, informado pela teoria referida a processos de construção de identidade aparenta ser transparente no caso em discussão, onde a relação de bipolaridade é estabelecida entre explorador e explorado. Ainda assim, a porta de entrada de nossas investigações não poderia ser a busca das classes (“puras”), na medida em que o real-concreto, mesmo se apenas referido às estruturas objetivas, além de complexo, é opaco.

– As estruturas objetivas são representadas. Ou seja, têm correspondências com estruturas subjetivas por parte dos indivíduos e dos grupos sociais. Enquanto as primeiras são mais facilmente identificadas (sobretudo se partimos em busca da tendência dominante e uniformizante do capital), as segundas são mais imperceptíveis. Então, parece ser a questão mais problemática é a da subjetivação da objetividade, inclusive porque aquela correspondência não se estabelece necessariamente de forma unilinear. Além do mais, transformações das estruturas objetivas proporcionam ou condicionam mas não atualizam identidades de classe pois os elementos que compõem a identidade psico-social são construídos pelo grupo em questão (classe social) e demais grupos.

Assim, para nossas preocupações, a recuperação da relação contrastiva pode ser enriquecida pela noção de **consciências recíprocas** das classes, pois como coloca F. de Oliveira (1986:11), “... entre elas que irão, em definitivo, desaguar na “consciência de classe”. E este movimento de re-conhecimento é, sem dúvida, o espaço da política.”

Complementarmente, a perspectiva que mais enriqueceria as análises que privilegiam a esfera da produção e das objetividades (e logo a determinação da infra-estrutura) não seria apenas e da inclusão da dimensão do político, mas a dimensão das **re-presentações** e as **inter-ações** entre os grupos sociais.

Por um lado assinalamos algumas dificuldades relativas às correspondências não unilineares existentes entre estruturas objetivas e subjetivas e aquelas referidas a uma totalidade social onde a conclusão do modo de produção não se impõe claramente. O “modelo” de análise informado pela teoria não é suficiente.

Por outro lado, viemos refletindo a identidade como uma dimensão da estrutura subjetiva dos sujeitos.

Restaria questionar qual a porta de entrada mais adequada para enfrentarmos o desafio proposto e não nos limitarmos à aplicação de modelos à realidade: as objetividades ou a subjetivação das estruturas objetivas (sendo que estas sempre articuladas com a perspectiva da interação entre grupos sociais e a identidade sempre referida à interação entre identidades).

Parece que tradicionalmente a sociologia tem optado pelas objetividades: Entretanto, a insuficiência desta dimensão tem se revelado pela recente busca de compreensão dos mecanismos de construção de identidades, bem como das correspondências existentes entre relações de poder e relações de trabalho.

Além da necessidade de melhor identificarmos a heterogeneidade das estruturas objetivas na região Nordeste, o desafio poderia ser a integração das dimensões subjetivas dos sujeitos sociais àquelas estruturas.

Se optarmos por este desafio, é possível que não tenhamos por ora hipóteses de trabalho muito acabadas. Por outro lado seria mais produtivo que partíssemos da “existência de classes sem identidades” como o faz, ainda que provisoriamente, F. de Oliveira, em seu recente trabalho “O elo perdido: classe e identidade de classe”?

INVENTÁRIO DE IDENTIDADE SOCIAL

Um instrumento adequado para observar empiricamente a identidade social deveria servir, ao mesmo tempo, para estudar o conceito que o sujeito tem de si-mesmo, como também a respeito dos diferentes grupos que pertence ou está ligado, real ou simbolicamente. Este instrumento deveria levar em conta um campo empírico amplo, tal como se apresenta o “espaço semântico do sujeito”. Assim, poderia-se tentar responder às questões relativas às ligações entre auto-representação e o referido pertencimento a diferentes grupos em interação, além do próprio significado atribuído aos componentes mais importantes de sua identidade.

Daí a necessidade de um método flexível que conjugue, por um lado, a livre expressão dos sujeitos e, por outro lado, os critérios de comparabilidade quantitativa.

O método proposto e utilizado por Zavalloni (1971), parece-nos preencher tais requisitos de pesquisa. Assim, o Inventário de Identidade Social, como a mencionada autora o denomina, compõe-se de duas grandes fases: uma primeira, em que o sujeito é solicitado a verbalizar a respeito dos diferentes grupos a que pertence ou está ligado, em termos de **Nós e Eles**, deixando à decisão do sujeito a referência e dominação de grupos, tais como: classe social, orientação política, etc. Ainda nesta fase o sujeito deve especificar o grau de engajamento ou envolvimento sentido em relação a cada um dos grupos por ele definidos.

A segunda grande fase, constitui o que Zavalloni define como introspecção focalizada, quando o sujeito deve aprofundar a análise revelando o grau de auto-aplicação de categorias e propriedades avançadas sobre os grupos, assim como relatar outras que ele considere atípicas ao grupo e que apresente. Além disso, o sujeito é solicitado a refletir sobre suas respostas quanto ao conhecimento de diferenças entre conteúdos nós/eles, a aplicabilidade a regiões do grupo, aos referentes usados para a produção dos atributos e, se usaram sua visão para responder. Por último, rastream-se significados e implicações dos atributos usados para descrever o grupo e/ou a si mesmo.

BIBLIOGRAFIA CITADA

- BOURDIEU, PIERRE. 1984 "Espace social et genese des 'classes'", in **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, 52/53, novembre.
- OLIVEIRA, F. de 1986 **O elo perdido. Classe e identidade de classe**. S. Paulo, Brasiliense.
- ZAVALLONI, MARISA. 1971 "Cognitive processes and social identity through focused introspection", in **European J. soc. Psychology**. I (2), pp 235-260.
- 1973 "L'identité psychosociale, un concept à la recherche d'une science", pp. 245-265, in Serge Moscovici, **Introduction à la psychologie sociale**. Paris, Livr. Larousse.